

ANDRÉ
STOLARSKI
**FALE
MAIS
SOBRE
ISSO**

ANDRÉ
STOLARSKI
FALE
MAIS
SOBRE
ISSO

ANDRÉ
STOLARSKI

ANDRÉ
STOLARSKI
FALE
MAIS
SOBRE
ISSO

ANDRÉ
STOLARSKI
FALE
MAIS
SOBRE
ISSO

Centro Carioca de Design

Prefeito
Eduardo Paes

Vice-Prefeito
Adilson Nogueira Pires

Presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade
Washington Fajardo

Coordenadora de Projetos Especiais do IRPH
Aline Romeu Xavier

Gerente do Centro Carioca de Design
Paula de Oliveira Camargo

Equipe de apoio do CCD
Luiz Antonio da Silva
Rita de Cassia Melo Silva

Exposição

André Stolarski: fale mais sobre isso

Curadoria
Bruno Porto e Luis Marcelo Mendes

Produção e identidade visual
Tecnopop | Marcelo Pereira

Identidade visual
Marcelo Pereira e Luana Luna

Coordenação de produção
Patrícia Nóbrega

Projeto expográfico
Amalia Giacomini e Marcelo Pereira

Coordenação editorial
Julio Silveira

Assessoria de imprensa
Armazém Comunicação | Christina Martins

Registro fotográfico
Luke Garcia

Esta exposição foi viabilizada com os recursos do Edital Pró-Design do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade / Centro Carioca de Design.

ANDRÉ STOLARSKI FALE MAIS SOBRE ISSO

Bruno Porto e Luis Marcelo Mendes

Organizadores

realização

Tecnopop

patrocínio





este é um texto difícil de escrever, mesmo que seja muito fácil falar sobre as inúmeras contribuições de andré stolarski ao campo do design, o que a visita mais desatenta a esta exposição poderá mostrar.

também não há como ser exclusivamente “institucional” ao escrever sobre um amigo que partiu deixando a vida mais sem graça.

difícil escrever sobre um arquiteto e designer genial.

difícil conjugar este texto no passado.

trabalhei com andré em alguns projetos de exposições, arquitetura e sinalização arquitetural, mas já antes da colaboração profissional mantínhamos e sempre mantivemos um canal próximo de diálogo, de conversas. ou comprometidas ou totalmente livres de aspectos de trabalho.

trabalho é uma palavra complexa para dois paulistas apaixonados pelo rio.

decifrar a esfinge, compreender sua história, os cariocas, as cariocas, entender e falar sobre as diversas contribuições do desenho na construção da cidade, da paisagem e da arquitetura livre e inventiva do rio eram sempre o universo das conversas para quem considerava-se operário, e não autor, como, creio, pensávamos nós, presos nesta condição de paulistas no paraíso terreno.

aprendi muito com ele sobre o universo do design. comecei a ler sobre design. conheci vilém flusser, alexandre wollner, a história da esdi, karl heinz bergmiller, paul rand, joão carlos cauduro, unilabor, geraldo de barros. para um arquiteto formado na ufrj, era um novo universo que se abria.

lembro-me perfeitamente do dia em que andré mostrou-me um texto de otl aicher totalmente feito com minúsculas. lembro do impacto visual daquela mancha gráfica igualitária, justa, sem a opressão das capitulares. desde então, escrevo meus emails em minúsculas (para desespero de alguns). comecei a ler sobre tipografia, que eu dizia para ele ser uma alquimia, e sobre os designers, bruxos de uma ciência esquecida, mas capaz de controlar mentes e corações.

através de andré, conheci mais sobre aloísio magalhães, e ficaram claras para mim as relações entre projeto, tradição, cultura, patrimônio cultural, inovação, design. mergulhei na obra de aloísio, em seu período à frente do iphan, e me maravilhei. o “pro” que usamos nos nossos editais é uma óbvia homenagem.

anos depois fui convidado para assumir o patrimônio cultural da cidade do rio de janeiro e todas as conversas, leituras e curiosidades fizeram sentido.

o edital pro-design, o centro carioca de design, o que fazemos na praça tiradentes, o que estamos sempre querendo fomentar, esclarecer, provocar, sensibilizar é mostrar que o patrimônio cultural é a forma confirmada no tempo, pela cultura, do valor do projeto, da invenção, do design. design e/é patrimônio.

andré ajudou a criar identidades de marcas culturais importantes do recente renascimento cultural do rio, contribuiu também na regeneração da bienal de são paulo, além de enriquecer o campo do design no país pela sua atuação dentro da adg, das bienais de design e como tradutor de livros fundamentais. expandiu os limites da profissão, criando uma esfera pública de design ao seu redor.

porém, mais do que tudo, andré é um amigo que faz falta.

ANDRÉ STOLARSKI é maiúsculo.

washington fajardo

arquiteto e urbanista

presidente do instituto rio patrimônio da humanidade



10	APRESENTAÇÃO
22	DESIGNANDO ARTES
36	INVESTIGANDO A CULTURA
52	SINTETIZANDO IDENTIDADES
66	PENSANDO SISTEMAS
82	CRONOLOGIA
86	EXPOSIÇÃO
98	CRÉDITOS
102	AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

André Stolarski entra no palco principal do Insert, evento que reuniu grandes nomes do design nacional e internacional na região portuária do Rio de Janeiro no dia 8 de setembro de 2012.

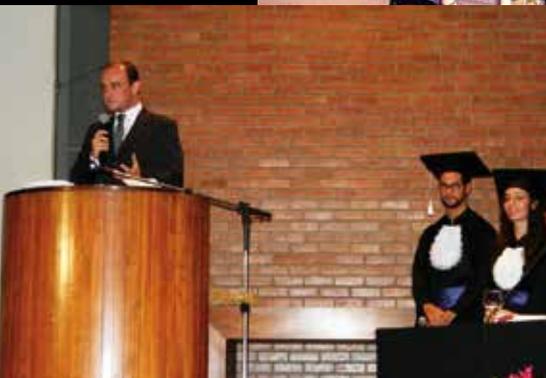
Ao começar sua apresentação, ele anda de um lado para o outro. Esfrega a cara com as mãos. Aperta os olhos. Hesita. Puxa o seu tradicional pigarro de apresentações. Parece comicamente deslocado no ambiente, como um Monsieur Hulot do design. Ameaça a plateia com uma apresentação “breve” de 50 minutos com muito conteúdo “bem cabeça” de 160 slides. Os jovens no auditório sentem um calafrio. Ele diz: “É um negócio inacreditável. Quem tiver com sono, aproveite. Depois disso, vocês sabem o que vem”.

Não sabemos. Ninguém sabe. E na sequência somos bombardeados com 73 minutos de questões sobre branding e cultura, onde conceitos — de pensadores como o filósofo alemão Theodor Adorno, o pensador checo Vilém Flusser, o cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard e o artista multimídia coreano Nam June Paik — são enfileirados para encantamento de uma plateia que não pisca, não fala, não boceja e nem se mexe na cadeira. De arrepiar.

Esse mesmo sujeito, tido como tímido por amigos íntimos, é o mesmo narrador de histórias capaz de levar clientes a escorrer lágrimas por soluções de identidade visual; falar profundamente de física quântica e, ao mesmo tempo, manter um pé fincado na astrologia, a ponto de quase conseguir convencer os mais céticos; encarar uma corrida de touros no México; compor belos sambas alinhados com a nova geração de compositores paulistanos; preparar um profundo curso sobre o pensamento dos maiores designers do século 20 e realizar uma afetada apresentação como cantor dândi na banda Vesúvio e seus Furúnculos Caramelados, que representava o Colégio Oswald de Andrade no Programa *Boca Livre* da TV Cultura, em 1987. O YouTube está aí que não nos deixa mentir.

Não há dúvidas de que estamos diante de um indivíduo complexo, cheio de facetas, surpresas — e é muito provável que nenhum de nós o tenha conhecido por inteiro.

Em geral, quando as pessoas se referem a André Stolarski, nascido em 1970 em São Paulo e formado em arquitetura pela FAU-USP, usam o termo “gênio”, ou “brilhante”, ou os dois. Mas isso é muito pouco, uma saída fácil dado o contexto onde, de fato e como ele próprio dizia, é complicado atingir uma síntese sobre aquilo que se fala.



O projeto **André Stolarski: Fale mais sobre isso** não surge como uma tentativa de síntese sobre a estrutura de pensamento do arquiteto e designer, ou mesmo se propõe a resolver a equação da meteórica trajetória profissional encerrada prematuramente em agosto de 2013.

O projeto tem origem em proposta engendrada pelo próprio Stolarski, como uma espécie de sequência do registro que realizara em 2005, o livro-documentário *Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil*. A intenção de André naquele momento era abordar projetos seminais de Aloísio Magalhães pela visão de alguns dos mais renomados críticos, acadêmicos e profissionais do design brasileiro, em uma exposição dos trabalhos que contaria com trechos em vídeo desses depoimentos, disponibilizados online na íntegra e transcritos.

Esta mostra + livro + documentário é a reação da Tecnopop, agência de design da qual ele era sócio-diretor desde 2003, à perda de um amigo, colega, mentor insubstituível. Uma reação que mereceu da parte de todos que o conheciam — e o admiravam, desnecessário dizer — um enorme adesivo com letras garrafais: URGENTE. Ou melhor, AGORA.

Para isso, procuramos deixar que os trabalhos falem o que têm de tão especial, assim como também queremos dar voz a pessoas que conviveram com Stolarski em diferentes momentos da sua história. Entre eles está o tal time de renomados que se pretendia reunir para comentar os trabalhos de Aloísio Magalhães — e que agora comentam a produção e a carreira de André Stolarski. Os depoimentos foram condensados no documentário e indicaram os trabalhos a serem apresentados na exposição e no livro.

Já o raciocínio curatorial da exposição + livro tomou emprestado o formato de títulos que Stolarski criou para as doze categorias da 8ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, em 2006, ou como ele mesmo a chamava, a “Bienal do Gerúndio”. Até sua sétima edição, a Bienal da Associação dos Designers Gráficos do Brasil se caracterizava por expor seus projetos selecionados da mesma forma como eram inscritos, ou seja, divididos por suporte do projeto. Ainda que fosse um sistema propício à organização, não estimulava o pensamento sobre os próprios trabalhos — assim, André propôs que os projetos fossem agrupados por suas características intrínsecas.

Da mesma forma, seria fácil apresentar o legado profissional de André Stolarski em subdivisões formais. Mas isto não contemplaria seu

principal predicado: o raciocínio — brilhante, inovador, sofisticado, fora da curva — por trás do projeto, qualquer que fosse seu suporte.

Optamos por organizar núcleos que expusessem quatro facetas constantes, e muitas vezes interligadas, que permearam as duas décadas de produção deste profissional do design que deixa a mais cruel das curiosidades em muitos dos que o conheceram: se a história fosse outra e tivéssemos sido poupados de sua partida precoce aos 43 anos, o que estaria por vir nas próximas décadas?

Apesar da atuação profissional intensa de Stolarski — testemunhada por todos que trabalharam com ele —, não chega a ser prolífica a produção com sua assinatura no campo do design gráfico propriamente dito. Mas, quando somamos a isso sua presença na orientação de projetos, especialmente na década em que esteve à frente da Tecnopop; sua breve porém marcante atuação como professor na ESDI e ESPM; as traduções de livros de design da editora Cosac Naify; os cursos e palestras por todo o Brasil; as contribuições estratégicas, conceituais e presenciais à Associação dos Designers Gráficos; e a produção de textos sobre design, branding ou cultura, constatamos que seu DNA tem posição de destaque no pool genético do design moderno no Brasil.

É razoável argumentar que uma exposição com essas características requer um tempo e distanciamento capazes de proporcionar um processo de decantação necessário a uma análise mais profunda do legado do designer. Porém procuramos aqui lançar tão somente um primeiro exercício que não se encerra, pelo contrário, está apenas começando. Desejamos incentivar que “se fale mais sobre isso”, entendendo que essa psicanalítica expressão, empregada com frequência por Stolarski para aditivar conversas, é um importante exercício contemporâneo em uma cultura de certezas absolutas. “Fale mais sobre isso” é a suspensão temporária das suas próprias crenças pelo interesse no que o outro tem a dizer. “Ele ouvia todo mundo”, diz a jornalista Gabriela Moulin, “e isso dava a ele uma amplitude de conhecimentos que é muito rara hoje em dia, quando as pessoas não se deixam envolver por assuntos diferentes”.

Agora é a sua vez. Fale mais sobre isso.

Bruno Porto e Luis Marcelo Mendes

Curadores



Exposição de Arte
Cândido Portinari

Cândido Portinari

Série Bíblica

As pinturas que compõem a *Série Bíblica*, após expostas, foram adquiridas pelo Museu de Arte de São Paulo, em 1964, por ocasião da inauguração do Museu de Arte de São Paulo, em São Paulo, no Brasil.

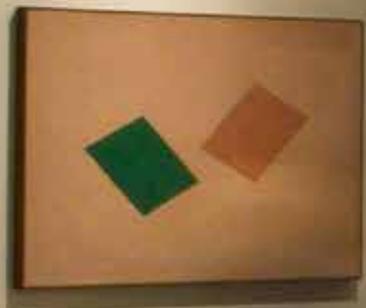
Os três quadros de grande dimensão, desenhados em 1944, foram enviados para a exposição "Cândido Portinari" no Museu Nacional de Washington.

Uma pintura, retrato de uma mulher, foi adquirida pelo Museu de Arte de São Paulo em 1964, por ocasião da inauguração do Museu de Arte de São Paulo, em São Paulo, no Brasil. O quadro, de grande dimensão, foi adquirido pelo Museu de Arte de São Paulo em 1964, por ocasião da inauguração do Museu de Arte de São Paulo, em São Paulo, no Brasil.

Todos os direitos reservados. Reprodução não autorizada sem a permissão expressa do Museu de Arte de São Paulo. Todos os direitos reservados. Reprodução não autorizada sem a permissão expressa do Museu de Arte de São Paulo.



DIMENSÕES DA COR



concreta 56
a raiz da forma
design



DESIGNANDO ARTES

Uma das características mais marcantes e, talvez, definidoras de André Stolarski era sua relação próxima com as artes visuais, para além do campo do design. Essa relação começou com sua graduação na FAU-USP em 1994, com o projeto museográfico e visual da exposição *Retrospectiva Nelson Leirner* a convite do curador Agnaldo Farias. Um misto de trabalho acadêmico e de uma primeira experiência profissional que inaugurou o Paço das Artes na Universidade de São Paulo. Em entrevista para a designer Clara Meliande, Stolarski contou que “talvez esse tenha sido o projeto em que eu tenha me envolvido com maior intensidade em termos de tempo, de discussão, de cada detalhe, das obras, enveredado por longas discussões com o Agnaldo, sobre a relação entre cada trabalho do Nelson, e produzido um raciocínio espacial de concatenação das obras em espaços abertos”.

A partir desse momento, definitivamente ganhávamos um designer que optou por buscar para si algo próximo ao âmbito da arte contemporânea no exercício de linguagem das exposições, no lugar de enveredar para o ambiente da arquitetura propriamente dito. E, como resultado, acabou por desenvolver tanto um rico vocabulário próprio para ambientes expositivos quanto para todos os outros suportes que ele experimentou. Seja no gráfico, eletrônico ou digital, o exercício de deslocamento dos objetos do seu lugar de conforto, o comentário ou a sutil provocação sempre estavam presentes de alguma forma.

E o melhor de tudo é que isso nunca acontecia a bordo do trem da egotrip. Pelo contrário, Stolarski aprimorou o descentralizado exercício de combinar inteligências para dar voz ao raciocínio das pessoas com quem trabalhava – clientes, estagiários, parceiros de criação que contribuíam com os projetos. Essa combinação de inteligências fica clara tanto na sequência de exposições que faz com o arquiteto Vasco Caldeira no Museu de Arte de São Paulo (MASP) quanto em publicações como do artista pernambucano Tunga (*Metro, A metrópole em você*, CCBB, 2001) ou a edição do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (*Ceará e Pernambuco: dragões e leões*, 1998).

Se em São Paulo essa relação entre raciocínio projetual do design com a arte contemporânea já se tornava intensa, no Rio de Janeiro André Stolarski ficou como pinto no lixo ao encontrar um grupo de artistas contemporâneos que se apaixonaram por essa capacidade de diálogo, como os artistas plásticos Raul Mourão e Fernanda Gomes. O livro de Gomes,

gestado durante um ano para a exposição individual da artista carioca no Museu Serralves, de Portugal, envolveu um cuidadoso trabalho a quatro mãos entre designer e artista. E, com efeito, o trabalho foi retratado com eficiência ímpar onde o design por vezes quase desaparece.

Já o design visual do livro da exposição *Love's House* é um caso daqueles em que, pelo contrário, o design entra em campo com muita força para trazer à tona uma discussão proposta pelo trabalhos dos artistas. Aqui temos uma dinâmica do olhar inventiva e curiosa, com indicações de leitura para a frente e para trás. Quase uma ideia do livro além do livro que, no futuro, se tornaria a tagline da editora Casa da Palavra, que lançou a publicação *Love's House*.

Devemos estar especialmente atentos a dois exemplos desse diálogo profundo de design visual com as questões específicas propostas por artistas contemporâneos. O primeiro deles é um voo solo de Stolarski para a exposição *Elevados*, da artista carioca Ana Holck no Paço Imperial (2005). Aqui, partindo da situação comum da escassez total de recursos que nos leva a nos contentar com o velho convite acompanhado de folder de duas dobras e olhe lá, o designer encontrou uma solução gráfica onde recortes no papel fazem uma alusão ao trabalho da artista no qual largas faixas compõem uma trama que liga o teto ao piso. Na mosca e sem estourar o orçamento.

Já o segundo, em parceria com a designer Clara Meliande, vai ainda mais longe dessacralizando o conceito do livro de arte que tem seu lugar garantido na mesa de centro da sala de estar. O catálogo da exposição *Frans Krajcberg: Natura* desloca o olhar para uma capa anti-capa de lâminas de madeira com o título marcado por pirografia, enrolando o conteúdo que, ao ser colocado em pé, remete a um tronco de árvore. Mais ainda, dispostos em série, o resultado nos sugere uma floresta devastada e nos convida conhecer seu interior e se engajar na discussão.

Esse engajamento também é a chave da compreensão dos projetos visuais de uma série de exposições realizadas para o Museu da Língua Portuguesa, também em colaboração com Clara Meliande, que chacoalham as nossas concepções prévias sobre os autores. Isso acontece com força na exposição *Machado de Assis: mas este capítulo não é sério* (2008) e, especialmente, em *Menas: o certo do errado e o errado do certo* (2010) que em muitos aspectos trazia à tona o humor de André Stolarski. E aqui o caminho trilhado foi o inverso dos cânones estabelecidos das elegantes ex-

posições de arte. Sem acervos para tratar, estava aberto o caminho para a criação de metáforas ou enigmas espaciais, velando conceitos acadêmicos para experiências no espaço. Segundo Stolarski, “essa passagem é muito difícil, e o ‘Machado de Assis’ é exatamente o oposto do ‘Menas’”. O primeiro é para propor enigmas e o segundo, de certa forma, tinha ideias fortes que de alguma forma precisavam ficar ainda mais fortes no espaço”. E ficaram, sem dúvida. No lugar de tipografias delgadas e discretas, o uso de uma fonte massuda, brincalhona, popular. E cores, muitas cores. Engajamento e afetividade que fizeram de *Menas* uma das exposições mais visitadas e queridas do Museu da Língua Portuguesa.

Mas desconfie de tudo que está escrito aqui e procure saber. Investigue os registros da exposição *Jardim da Infância*, dos Irmãos Campana, ou *Concreta '56*, ambas no MAM de São Paulo. Ou ainda a exposição do Volpi, no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Veja como, caso a caso, o design procura dar força para as ideias dos outros, não impor visões. Não por acaso, Stolarski acabou por desenvolver relações de diálogo e confiança profunda com alguns dos maiores curadores do Brasil, como Moacir dos Anjos, Lorenzo Mammi, Adélia Borges, Agnaldo Farias, entre outros.

Mais do que um portfólio de primeira, esse legado é um aprendizado – que deveríamos sempre levar em conta. Designando artes ou qualquer outra coisa.



grandes progressos.

da prova.

quando ele chegou.

discriminar o uso de drogas.

Segundo Francisco de Sá Carneiro, um dos fundadores de UDEP do Portugal do Brasil, havia a palavra também quando se referia "regas de crédito concedidas sobre a concessão de crédito" (uma, de crédito). Portanto, "regas" e "regas de crédito".

na família.

Ela não **preveu** todos os problemas.

Não houve **impecilho** para a investigação.

Não se envergonhe quando **dizer** isso.

Vende-se casas.

Ninguém tem o direito de me **taxar** de corrupto.

A a...
ret...
mer...

O carro dele deu **perca** total.

Espero que **seje** bom pra você.

Fazem dois dias que não nos vemos.

É preciso colocar fim aos **previlégios**.

Há **menas** pessoas aqui do que ontem.

Ele...
gost...
t...

Ficou contente por **causa** que ninguém se feriu.

Eu estou fora de **si**.

Aja paciência para tantas exceções!

Tu **sabe** de uma coisa?

Eu não sei **aonde** ele mora.

Fa...
as re...
nter...

Tenho **medo** que...

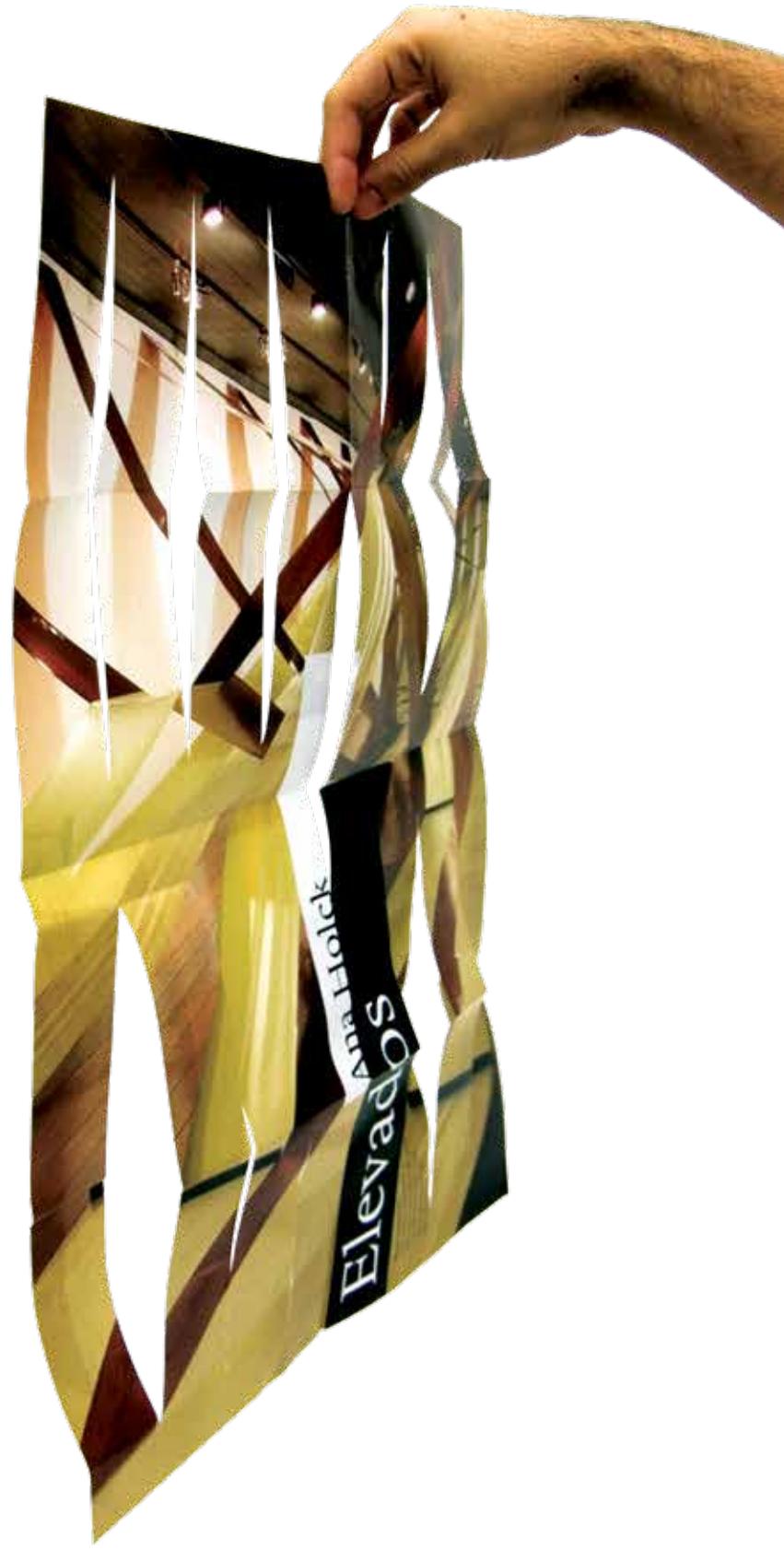
O **acessor** do presidente

Ele fez um tratamento

Eu **gostaria** que...

Disse **de** que não

Eu...
qu...



INVESTIGANDO A CULTURA

Em muitos casos, designers têm dificuldades em falar sobre seu próprio trabalho. Há outros casos em que o designer não consegue falar de qualquer coisa que não seja seu próprio trabalho. André Stolarski escapava de ambas as armadilhas. Suas apresentações dos raciocínios projetuais sobre os quais erguia seus trabalhos eram ora impressionantes, ora comoventes. Jamais seus interlocutores, fossem eles clientes, estudantes ou colegas de profissão, permaneciam indiferentes.

Talvez uma das características mais presentes na trajetória do designer seja o exercício constante da investigação da cultura, pelo viés do design, das artes visuais e até, em seus últimos meses de vida, pela forma poética japonesa do haikai. André era capaz de investir meses condensando anos de pesquisa nas mais de quarenta densas e saborosas horas do curso “Designers visuais do século 20: quem eles pensam que são” – apresentado no Centro Universitário MariAntonia da USP em 2003 e no Centro de Cultura e Comunicação Senac Rio em 2006 –, onde a inteligência de Aloísio Magalhães, Tibor Kalman, Adrian Frutiger, Alexandre Wollner e de outros 16 felizardos era dissecada, permitindo uma compreensão límpida e, mais importante, um ponto de ampliação da discussão sobre design.

Assim como era capaz de aproveitar os momentos de tranquilidade na Chapada Diamantina durante suas férias para traduzir livros essenciais de design, como *Elementos do estilo tipográfico*, de Robert Bringhurst, *Pensar com tipos*, de Ellen Lupton, e *O ABC da Bauhaus*, com textos de Lupton, J. Abbott e de outros sete autores.

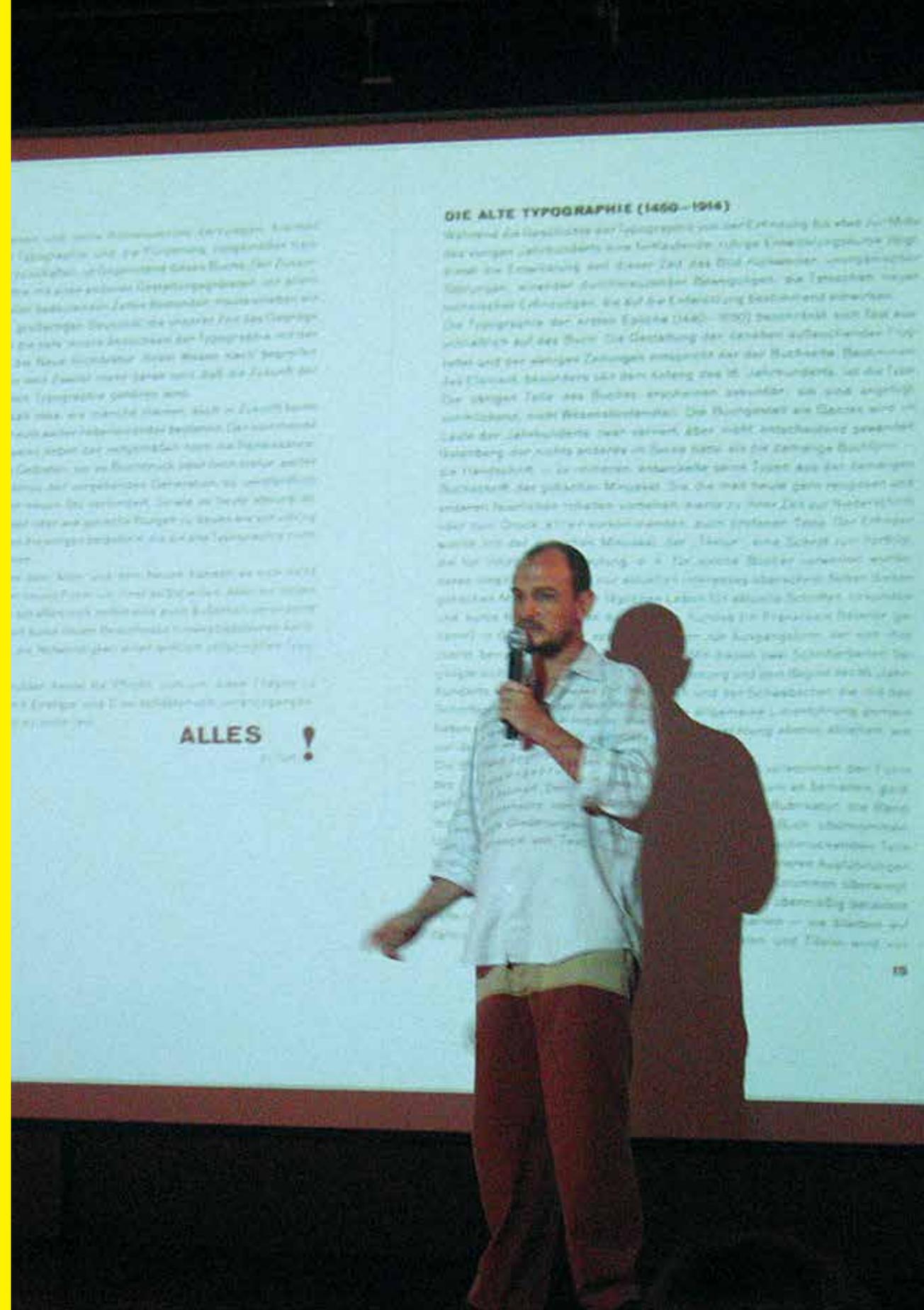
Anos mais tarde essa discussão seria levada a um nível substancialmente mais profundo no curso “Campo minado: arte e design”, ministrado com o historiador Pedro França no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2010, que serviu de fagulha para sua tese de mestrado e publicação póstuma.

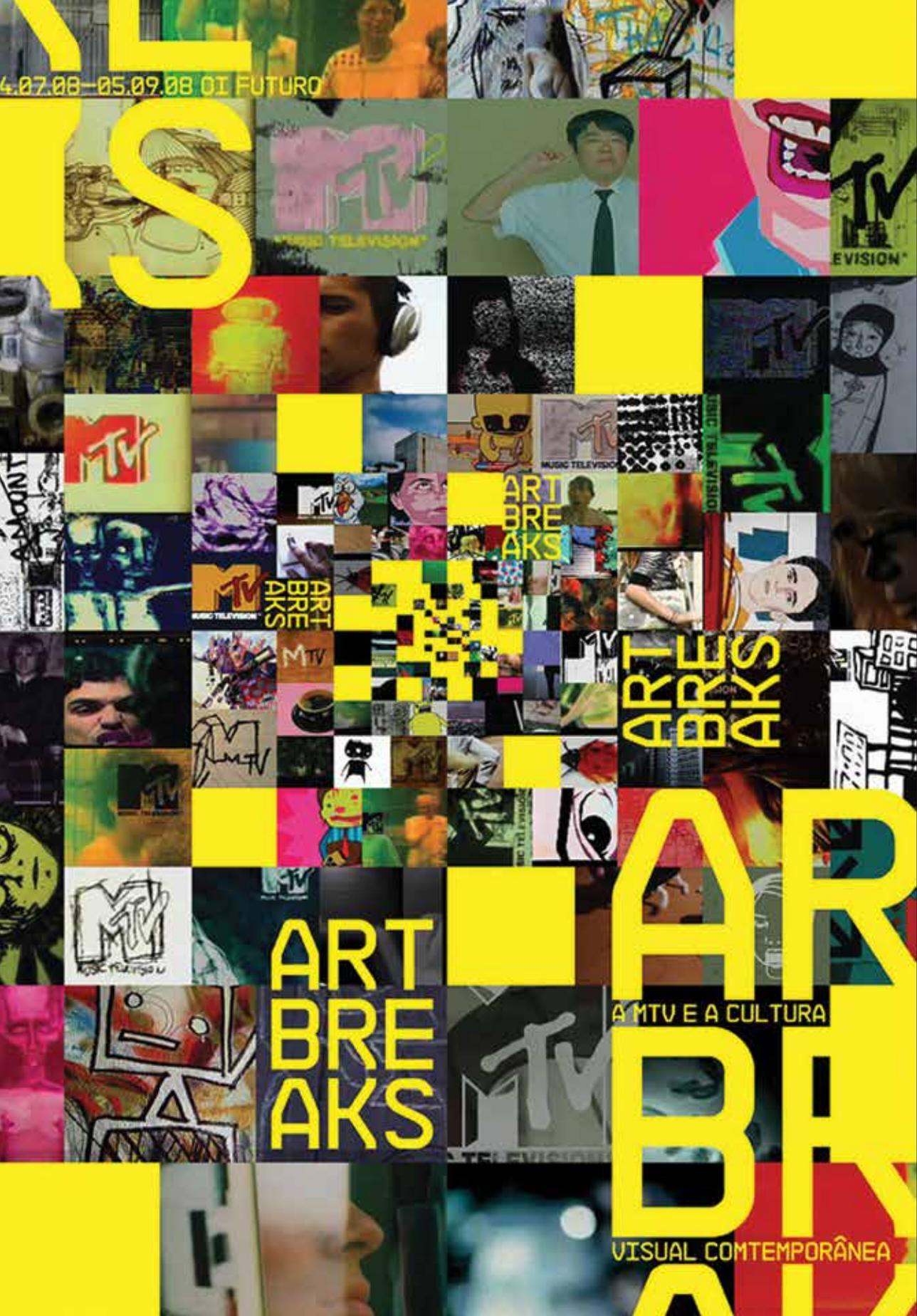
Porém Stolarski abraçava com o mesmo entusiasmo incursões mais pop, como a curadoria das exposições *Concreta '56: a raiz da forma* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2006), *Art Breaks: a MTV e a cultura visual contemporânea* (Oi Futuro, 2008), *Sustentabilidade: e eu com isso?* (em parceria com Rico Lins) da Bienal Brasileira de Design 2010 Curitiba, e da 8ª Bienal Brasileira de Design Gráfico (junto a Bruno Porto, Fernanda Martins e Marco Aurélio Kato), da ADG Brasil (Memorial da América Latina, 2006).

A investigação no campo do design ganhou ainda análises lapidares sobre a implementação dos sistemas de identidade visual no Brasil (publicadas em *O design gráfico brasileiro: anos 60*, 2006); a relevância da construção de um vocabulário Brasileiro em design (no livro *Logotipo versus logomarca*, 2012); e sobre a obra de uma das nossas mais internacionais designers (no livro *O design de Bea Feitler*, 2012), além de um registro visual histórico – em filme e livro –, onde Stolarski aparece na primeira pessoa levando questões ao próprio designer que teve uma influência decisiva no seu raciocínio construtivo: o documentário *Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil*, parte única da série *Depoimentos sobre o design visual no Brasil*, patrocinado pelo Programa Cultural Petrobras, essencial à bibliografia dos cursos de design do país.

De caráter oposto a estas incursões formais, seu canto do cisne no âmbito cultural foi composto de maneira intimista e quase inconsciente. Hospitalizado por conta da radioterapia, André ganhou de presente da amiga Cecília Consolo o livro de haikais de Millôr Fernandes. A rígida estrutura métrica imediatamente encantou seu cérebro sistematizador, assim como a objetividade e a concisão das mensagens falaram diretamente ao seu poderoso senso de síntese. A medicação o deixava alerta mas afetava seu poder de concentração e, naquele ponto do tratamento, ele não conseguia controlar a mão direita. Digitando os poemas com um dedo só, passou a produzir seus haikais para canalizar a euforia e a ansiedade, e os publicava no Instagram.

Inquieta, bem humorada, pungente e emocionante, essa obra publicada postumamente como *Stolarskais* é capaz de refletir a produção de André em seus diversos campos de atuação. “Seus haikais são cristalinos e, com tão poucas palavras, dizem tanta coisa”, explica a designer Evelyn Grumach. “Ele sempre foi pouco e muito, em tudo que fez: graficamente ou com suas ações, que são profundas. Era um homem de pouquíssimas palavras, e densas”.





4.07.08-05.09.08 OI FUTURO

ART
BREAKS

ART
BREAKS

AR
BAR

A MTV E A CULTURA

VISUAL CONTEMPORÂNEA



LIBIDO

FANZINE

CHA
COALHADA
NAS COR
PORAÇÕES

QUEBRA-LINHA

REBELDE
SEM
PAIS



WOOD
DORGAN

*Quem não tem ideia de onde é o futuro
Monta uma rede de amigos
E os outros não devem se esquecer*

*Expos de bilhete de papel
Inventos pessoais e
Estruturas
Inventos pessoais*

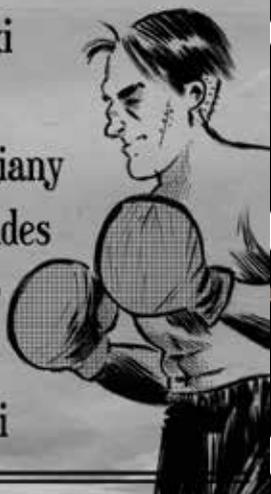
PENSAR COM TIPOS

Ellen Lupton

LUTA DO SÉCULO ★★★

GOTIPO *versus* ROMARCA

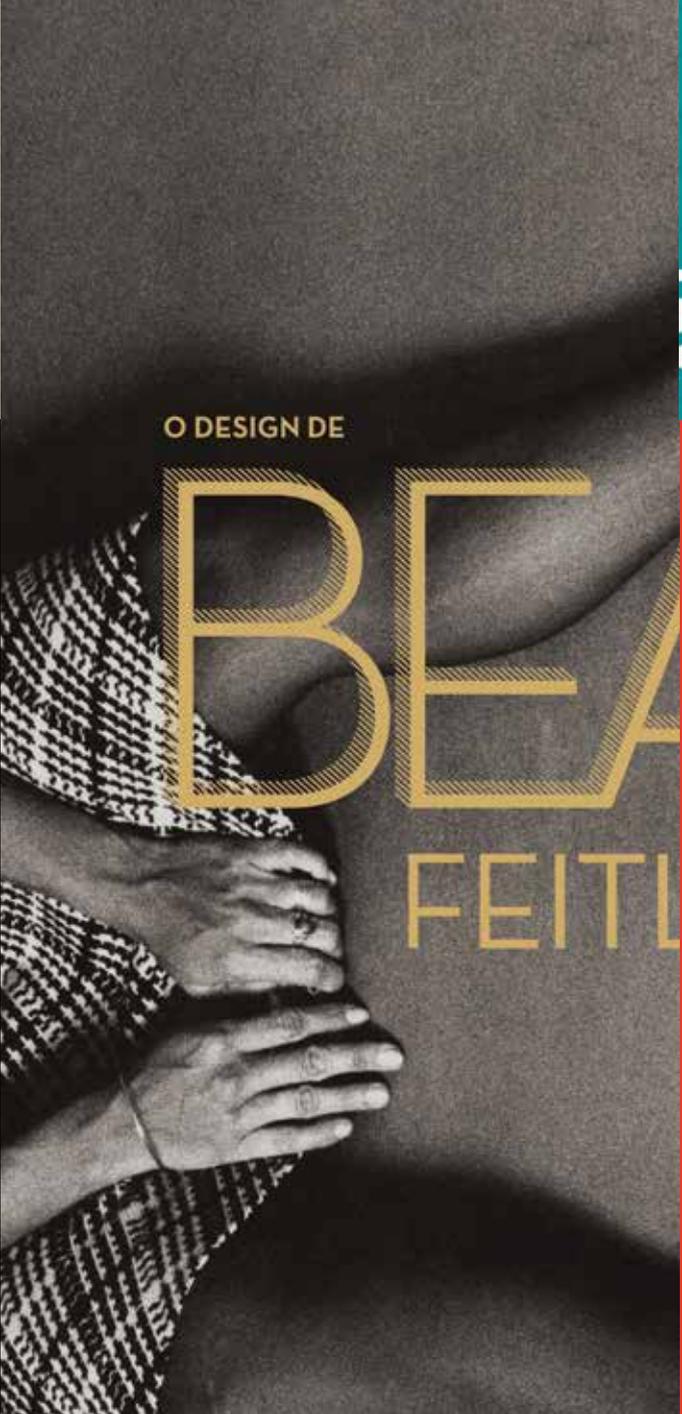
André Stolarski
Bruno Porto
Guilherme Sebastiany
Rafaelis Marcelo Mendes
Newton Cesar
com ilustrações de
Renato Faccini



Lupton e J. Abbott Miller (orgs.)

ALEXANDRE WOLLNER e a formação do design moderno no Brasil

DEPOIMENTOS SOBRE O DESIGN VISUAL BRASILEIRO
UM PROJETO DE ANDRÉ STOLARSKI



STOLARSKAIS

haicais de André Stolarski

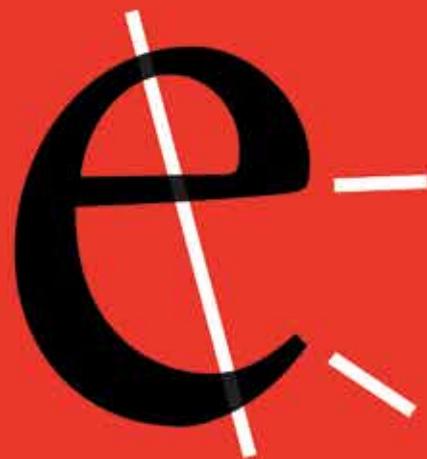
ELEMENTOS DO ESTILO TIPOGRÁFICO

Robert Brinhaus

e

Fotos de still





ELEMENTOS DO ESTILO TIPOGRÁFICO versão 3.0

Robert Bringhurst

*Sinopse
histórica*



abertura:
o espaço vazio
aberto em letras
como a, c, e, s

RENASCENTISTA (séculos 15 e 16): traço modulado; eixo humanista [oblíquo]; terminais precisos, feitos com pena; *abertura* grande; itálico equivalente e independente do romano.

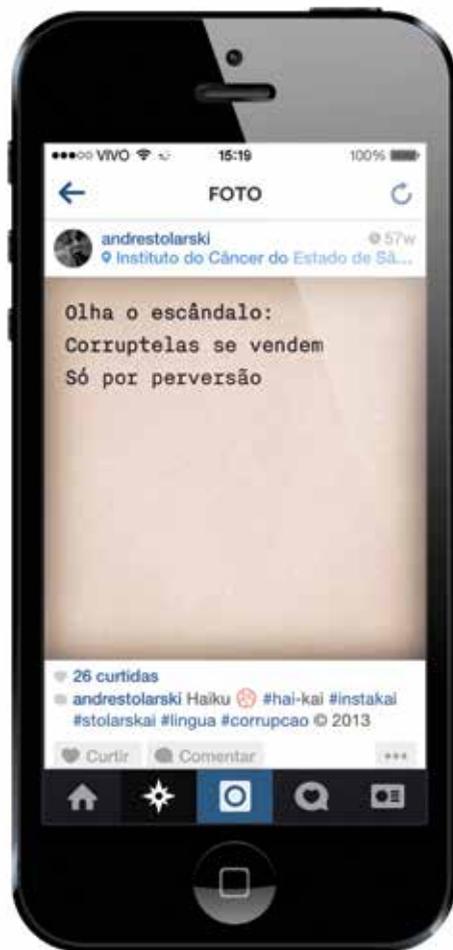


O objetivo desses diagramas é mostrar o eixo do traço, que é o eixo da pena que desenha a letra. Esse eixo muitas vezes difere do eixo da própria letra. Uma pena que aponta para o noroeste pode produzir uma letra ereta ou ainda uma letra que aponta para o nordeste.



BARROCA (século 17): traço modulado; eixo variável; serifas e terminais modelados; *abertura* moderada; itálico subordinado e intimamente ligado ao romano. Nas letras barrocas, é comum o aparecimento de um eixo secundário vertical – mas o eixo *primário* do traço é normalmente oblíquo.





SINTETIZANDO IDENTIDADES

Uma das funções mais amplas que pode ser dada ao design gráfico é a de criar formas de identificação – de empresas, produtos, serviços, locais, narrativas, autores, espaços etc. –, gerando reações apropriadas, longevas ou efêmeras. O caso da identidade visual de uma pequena editora paulista chamada Moinho das Artes, desenvolvida na Tangram, primeira empresa de design do recém-formado André Stolarski, é exemplar. Em uma formidável síntese visual, ele parte da letra “A”, que inicia a palavra “Artes”, e a insere como uma das pás de um moinho. Não é preciso explicar e, uma vez vista, é difícil esquecer. Por que não se trata de um “A” qualquer. É um exercício formal que seduz mesmo quem não entende patavinas de design. A combinação de fonte e o peso ideal acerta na mosca para se chegar a uma identidade bem mais duradoura que a própria editora, que acabou se evaporando no espaço e no tempo.

Encontramos esse mesmo gesto, anos depois, na identidade visual da banda carioca Orquestra Imperial, um comentário visual impregnado de uma dose de humor ou de inusitado. Este deslocamento da nossa zona de conforto também está na casa em chamas da produtora de filmes República Pureza, cuja intensidade queima o próprio papel que lhe serve de suporte, e na solução dos dois pontos usados na identidade da galeria de arte Lurixs para organizar a apresentação daquilo que ela tinha a oferecer aos seus clientes: expressa que o papel da galeria é apresentar os artistas e seus trabalhos mais do que centrar-se em seu próprio umbigo em arroubos de autoexaltação. Um recurso gráfico extremamente simples, mas que traz à tona uma discussão importante para o mercado de arte como um todo.

Não importa a volatilidade intrínseca da maior parte desses trabalhos. Em um mundo de milhões de marcas, esse poder de diálogo que acontece num momento íntimo como a entrega de um cartão de visita ou num ambiente público e de alta competição visual pela atenção é a chave da diferenciação e do reconhecimento de que é possível ocupar um espaço próprio e único. E que este seja eterno enquanto dure.

André Stolarski tinha algumas obsessões. Uma delas era a de encontrar aquilo que chamava de “o pulo do gato”. Todo trabalho de identidade visual, independente do cliente, segmento ou do porte, tinha algo que poderia ser a dica para esse pulo do gato. Estava lá, escondido. Através do seu raciocínio, Stolarski cutucava o gato com vara curta. Com muita frequência, quando você menos esperava, eis que o bichano saltava na sua frente.

Existem pelo menos três sintéticos pulos do gato que merecem ser observados com atenção. O primeiro deles é da revisão da identidade visual do Rio Sul, shopping center carioca, feita na Tecnopop em parceria com o designer André Lima. Aqui temos um cenário totalmente adverso, onde o cliente contrata uma mudança sem ter muita segurança de onde quer chegar. Sente que precisa mudar, mas não quer mudar muito e, para isso, impõe diversas limitações. Diante da situação, Stolarski advoga que o exercício de marca precisa estar aberto às possibilidades, ao estudo, ao exercício. Devemos considerar e aceitar que tudo pode mudar, seja pela tipografia, cores, formas. Tudo.

Porém o pulo do gato para Stolarski estava justamente no entendimento de retorno à própria essência da marca do shopping, desenvolvida nos anos 1980, quando as velas de windsurf na abertura da novela *Água Viva*, da Rede Globo, dominavam o imaginário da Zona Sul e serviram de inspiração para a geometria que caracterizaria a identidade visual do shopping carioca por duas décadas.

Contrariando a expectativa que ele próprio criara, Stolarski parte do desenho original inflando com um sopro de leveza as velas imaginárias e as rotaciona para aplicar uma organicidade ainda maior, que ressignificou a marca, para a felicidade absoluta do cliente.

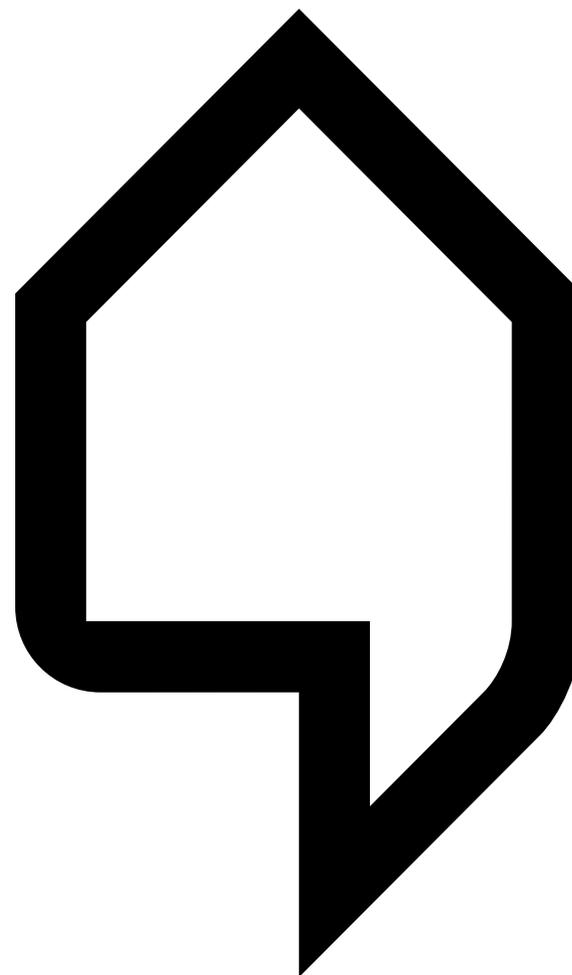
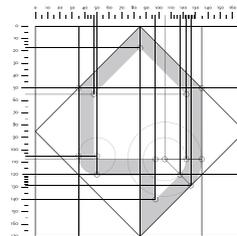
Outro momento de intensa felicidade e clareza de raciocínio está evidente no trabalho desenvolvido para o Museu do Meio Ambiente, um projeto de identidade visual que trazia consigo uma série de perigos. Meio ambiente é certamente um dos temas mais repletos de clichês visuais da contemporaneidade. Como fugir das imagens de mãos, esferas, globos, folhas e, principalmente, do solitário urso polar e indefesos animais? Ao trazer o colorido e o acaso do jogo de pega varetas, somos jogados a visualizar nossa posição diante de um ambiente intrincado, melindroso, sem soluções fáceis mas com uma solução possível, cadenciada e interrelacionada, que depende essencialmente da nossa habilidade de entender e lidar com as prioridades. Dezenas de textos, palestras e discussões condensadas numa síntese visual que surpreende pelo seu brilhantismo, porém, ao mesmo tempo, não se impõe, suntuosa. Pelo contrário, acolhe e convida o outro a fazer parte desse jogo.

Porém o maior “pulo do gato” é a identidade visual desenvolvida para o grupo AGORA, formado pelos artistas plásticos Ricardo Basbaum, Eduardo Coimbra e Raul Mourão, este último seria o responsável direto

pelo ingresso de André Stolarski na Tecnopop, em grande parte por esse trabalho. AGORA era, na verdade, um simpático acrônimo para a Agência de Organismos Artísticos, que funcionou no bairro carioca da Lapa no final dos anos 1990 com patrocínio da Petrobras. Uma iniciativa, portanto, com muito a fazer em pouco tempo. Não se podia perder tempo em investir na construção de uma marca que se consolidasse. Para dar conta dessa urgência, Stolarski não teve dúvidas: apropriou-se da linguagem das etiquetas vermelhas de “URGENTE” presentes como um padrão de comunicação corporativa e deslocou-a de seu ambiente, inserindo o AGORA na mesma tipografia, peso e até mesmo na inclinação característica do adesivamento expresso em envelopes e documentos. Quem aprecia arte contemporânea enxerga nesse trabalho *ready made* um diálogo instantâneo como a discussão iniciada com Marcel Duchamp. Estava pronta uma das marcas mais brilhantes da trajetória de André Stolarski, uma marca que também se evaporou com o tempo. Mas quem liga para isso?

AGORA

ORQUES
TRAIMP
ERIAL
AL





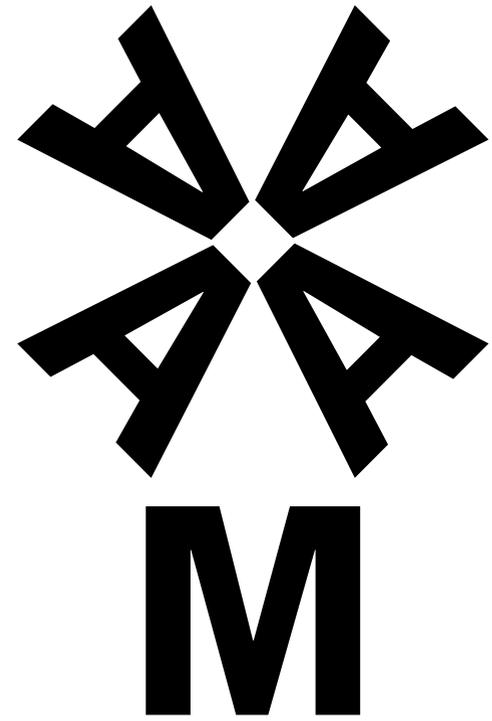
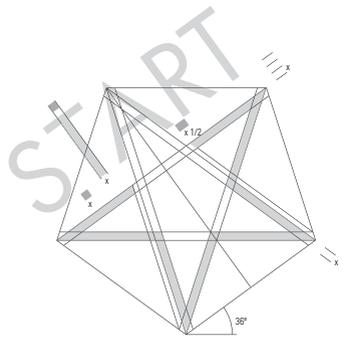
museu do meio ambiente

LURIXS :



riosul

O SHOPPING CARIOCA



PENSANDO SISTEMAS

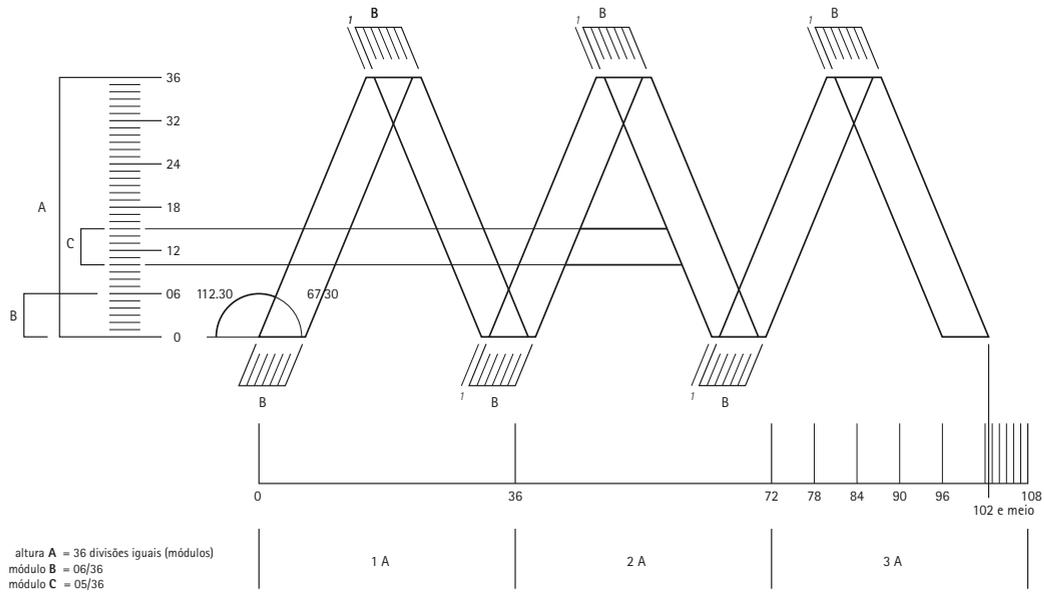
Propondo uma atualização na máxima de que o design serve para aumentar a qualidade de vida da sociedade, André Stolarski desejou fazer um upgrade no mundo através do design. Dizia-se um preguiçoso e, por conta disso, escravo da automação total. Para não ter que repetir um mesmo procedimento “trocentas” vezes, como você e eu fazemos, investia horas numa solução que automatizava o processo todo em segundos.

Os amigos brincavam com esse lado do designer, chamando-o de “Instalarski”, pelo seu conhecimento de todos os programas de computadores e aplicativos de celular, que instalava em seus devices para as mais diferentes tarefas, quase sempre aquelas capazes de transformar a complicação em solução.

O mundo de Stolarski era um mundo melhor, racional, funcional, bem estruturado. Nós recusamos isto, sistematicamente. Somos resistentes. Preferimos fazer do nosso jeito. E temos quase orgulho de falar sobre esse jeito improvisado, meio esculhambado, espontâneo, despadronizado. Por isso temos tão pouco interesse em modelos, estruturas, sistemas.

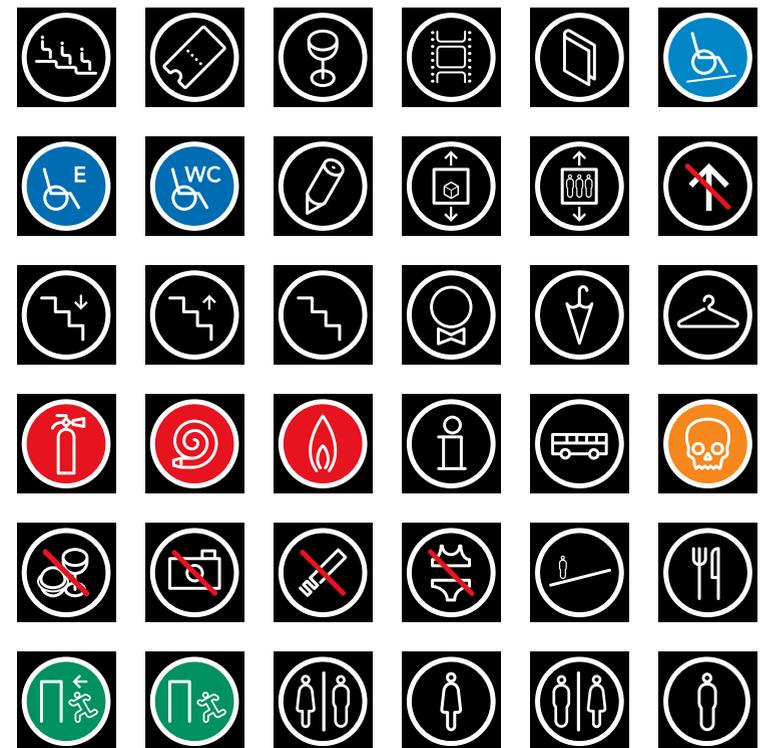
André Stolarski não fazia marcas. Ele criava identidades fortes e articulava sistemas adequados para dar sustentação a elas. Alguns mais modestos; outros completos, multi-integrados, capazes de dar conta de qualquer desafio em qualquer suporte. No ambiente dos mais modestos, temos como exemplo desde o articulado jogo de formas da produtora de exposições Automatica até a estrutura visual para a turnê Banda Larga, do cantor e compositor Gilberto Gil. Para este projeto, homenageando a forte ligação de Gil com a discussão da flexibilização de direitos autorais por meio da internet, Stolarski fez desse trabalho um exercício político ao apresentar uma identidade visual licenciada por Creative Commons, disponibilizando as fontes e os modelos com as rotinas de Adobe Illustrator e um vídeo de instruções no YouTube.

Já no universo dos sistemas complexos, o legado de Stolarski está repleto de casos exemplares, como o da editora Casa da Palavra, trazendo as características do raciocínio sintético e humorado de Stolarski ao condensar as ideias de casa e de vocalização, representadas pelo clássico ba-lão de histórias em quadrinhos, num signo de comando excepcionalmente claro, simpático e, por isso mesmo, poderoso. E já seria excelente se fosse apenas isso. Mas Stolarski vai além ao compor um comportamento diagra-

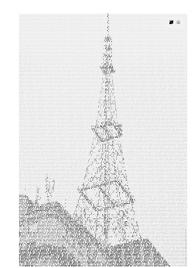
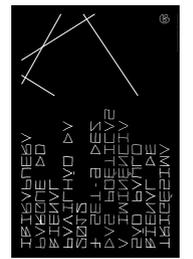
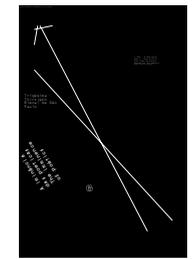
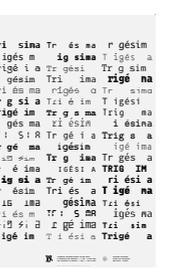
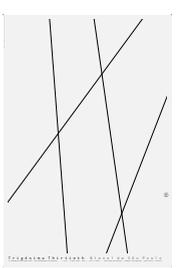
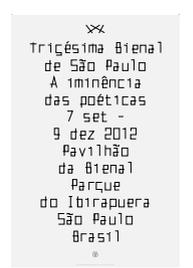
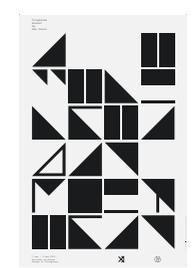
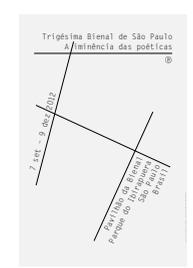
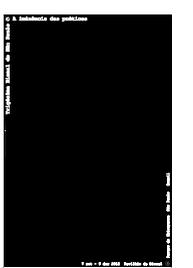
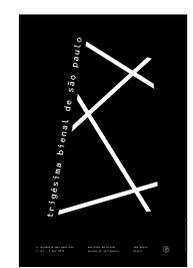


Elevador
 Reservado para deficientes físicos, gestantes e idosos

Elevador
 Reserved for the physically challenged, pregnant women and the elderly







GILBERTOGILUMABANDALARGAACOMODAMUTAGENTE

GILBERTOGILBREEDBAND

GILBERTOGILUMPOKOTONOCCHO

GILBERTOGILEYPEIAZONH

GILBERTOGILANDELARGE

GILBERTOGILBANDALARGA

BEATBOX

FM

NO SEU RITMO

BL
B
Beal



AV. MEN
APÓS A PRAÇA





Globo
Móvel

Rádio Globo
1100AM Bota Amizade Nisso!

CRONOLOGIA

André Stolarski

1970 – 2013

Designer visual e mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU-USP

1994-1998 Associa-se a Eduardo Staszowski e Roberto Ventura no escritório Stolarski, Staszowski e Ventura Arquitetos, logo renomeado Tangram Design & Marketing. Recebe influências no convívio com o designer Alexandre Wollner e o escritório de Saul Bass, BassYager & Associates. A partir de 1996 colabora com o arquiteto Vasco Caldeira, responsável pelas exposições no MASP, iniciando parceria que duraria até seu falecimento.

1998-2000 Muda-se para o Rio de Janeiro a convite do curador Agnaldo Farias, tornando-se coordenador de design do MAM RJ, onde montou mais de trinta exposições.

1999-2002 No MAM, associa-se à arquiteta e colega Ana Paula Pontes, que integra a equipe a seu convite, na Stolarski | Pontes, atuando em projetos de arquitetura, identidade visual, exposições e publicações.

2003 Torna-se Sócio Diretor da Tecnopop – especializada em

branding e design para gestão de marcas culturais — ao lado dos designers Marcelo Pereira e Sonia Barreto, do jornalista Luis Marcelo Mendes, do artista plástico Raul Mourão e do empreendedor Rodrigo Machado. Ministra o curso “Designers visuais do século 20: quem eles pensam que são” no Centro Universitário MariAntonia, em São Paulo, em 2003.

2004 Integra o júri da 7ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, organizada pela ADG Brasil. Participa da mesa redonda “Design e novas mídias”, com Batman Zavareze, Billy Bacon, Bruno Porto e Victor Burton, na 2ª Semana RiofazDesign.

2004-2007 Integra a Coordenação RJ da ADG Brasil, ao lado de Billy Bacon e Isabella Perrotta.

2005 Atua como coordenador, com Billy Bacon, Bruno Porto, Isabella Perrotta e Egeu Laus, do 2º Ciclo de Palestras ADG Brasil “O Papel da Capa – Cases de Design Gráfico Editorial” na 12ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, e como mediador do debate “O Mercado Editorial de Design no Brasil”, com André Villas-Boas, Billy Bacon, Bruno Porto e Tony de Marco, no 1º R Design – Encontro Regional dos Estudantes de Design, em Campos/RJ.

2006 Publica o livro-documentário *Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil* e, com Chico Homem de Melo, João de Souza Leite e Jorge Caê Rodrigues, o livro *O design gráfico brasileiro: anos 60*, iniciando a colaboração com a editora Cosac Naify para a qual traduz *Elementos do estilo tipográfico, Pensar com tipos e O ABC da Bauhaus*. Ministra a palestra “Elementos de uma adaptação tipográfica” no Design.exe em Londrina, o workshop de cartazes (com Jair de Souza) e o curso “Designers visuais do século 20: quem eles pensam que são” no Centro de Cultura e Comunicação Senac Rio. Assina a curadoria da exposição “Concreta ‘56 – a raiz da forma” no MAM SP e integra a Coordenação Curatorial da 8ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, ao lado de Bruno Porto, Fernanda Martins e Marco Aurélio Kato, no Memorial da América Latina.

2006-2008 Atua como professor na Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI/UERJ e na Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM Rio. É escolhido Patrono da Turma 2007 da ESDI.

2007-2009 Integra a Diretoria Nacional da ADG Brasil, ao lado

de Bruno Lemgruber, Delano Rodrigues, Eduardo Braga, Ricardo Notari e Sonia Valentim de Carvalho.

2008 Assina a curadoria da exposição “Art Breaks: a MTV e a cultura visual contemporânea” no Oi Futuro do Rio de Janeiro. Ganha o 21º Prêmio de Museu da Casa Brasileira com o texto “Projeto concreto: o design brasileiro na órbita da I Exposição Nacional de Arte Concreta”. Entrevista o designer Rico Lins para a exposição “Rico Lins: uma gráfica de fronteira”, com textos de Agnaldo Farias, Adélia Borges e Rafael Cardoso.

2009 Casa-se com a geógrafa Flávia Grimm e retorna a São Paulo, onde coordena a filial paulistana da Tecnopop e torna-se Coordenador de Comunicação da Fundação Bienal de São Paulo. Ministra o seminário “Branding y Cultura” na Universidad A M-Xochimilco, México; a palestra “A escrita da história e a história da escrita: ampliando os limites cronológicos do design gráfico” na abertura do DiaTipo 2009, em São Paulo, e participa da mesa redonda “Atribulações de um designer na China” com Billy Bacon, Bruno Porto e Marcelo Martinez no SENAC Rio. É responsável pela coordenação da 9ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, ao lado da cura-

dora Cecilia Consolo. Montou a 9ª Bienal Brasileira de Design Gráfico no Museo Franz Mayer, na Cidade do México, onde apresentou a exposição “Descubra Tecnopop”.

2010 Assina a curadoria da exposição “Alexandre Wollner: Cartazes” e a cocuradoria, em parceria com Rico Lins, da exposição de cartazes “Sustentabilidade: e eu com isso?” na Bienal Brasileira de Design 2010 Curitiba. É diagnosticado com câncer e, após um ano de quimioterapia, recebe diagnóstico de remissão.

2011-2013 Integra o Conselho Consultivo da ADG Brasil, ao lado de Cecília Consolo e Ruth Klotzel.

2012 Obtém o título de Mestre pela FAU-USP com a dissertação “Design e arte: campo minado”, orientada por Agnaldo Farias. Participa dos livros *Logotipo versus Logomarca*, em coautoria com Bruno Porto, Guilherme Sebastiany, Luis Marcelo Mendes, Newton Cesar e Renato Faccini; *Reprograme*, organizado por Luis Marcelo Mendes; e *O design de Bea Feitler*, em coautoria com o historiador Bruno Feitler. Publica resenhas para os livros *Design para um mundo complexo*, de Rafael Cardoso e *Linha do tempo do design gráfico brasileiro*, de Chico Homem de Melo

e Elaine Ramos, na revista *Agitprop*. Ministra o curso “Branding e cultura” no Polo de Pensamento Contemporâneo, Rio de Janeiro, e no Museu da Casa Brasileira, São Paulo; e as palestras “A relação entre o design e a economia criativa” em Florianópolis, Fortaleza e Vitória; “Encontro ADG: Práticas profissionais” em Santos; e “El futuro de la educación en el diseño gráfico” na Universidad de Guadalajara, México. Torna-se membro da AGI – Alliance Graphique Internationale. No final do ano, o câncer retorna. Retoma a quimioterapia e a radioterapia.

2013 Durante o tratamento, passa a escrever haikais no celular e a publicá-los online. Integra o júri internacional da 10ª Bienal Brasileira de Design Gráfico e o Conselho Consultivo da ADG Brasil para a gestão 2013-2015, ao lado de Bruno Porto e Rafael Ferreira. Falece em agosto. Seu livro de haikais, *Stolarskais*, é publicado pela editora Cosac Naify.

EXPOSIÇÃO

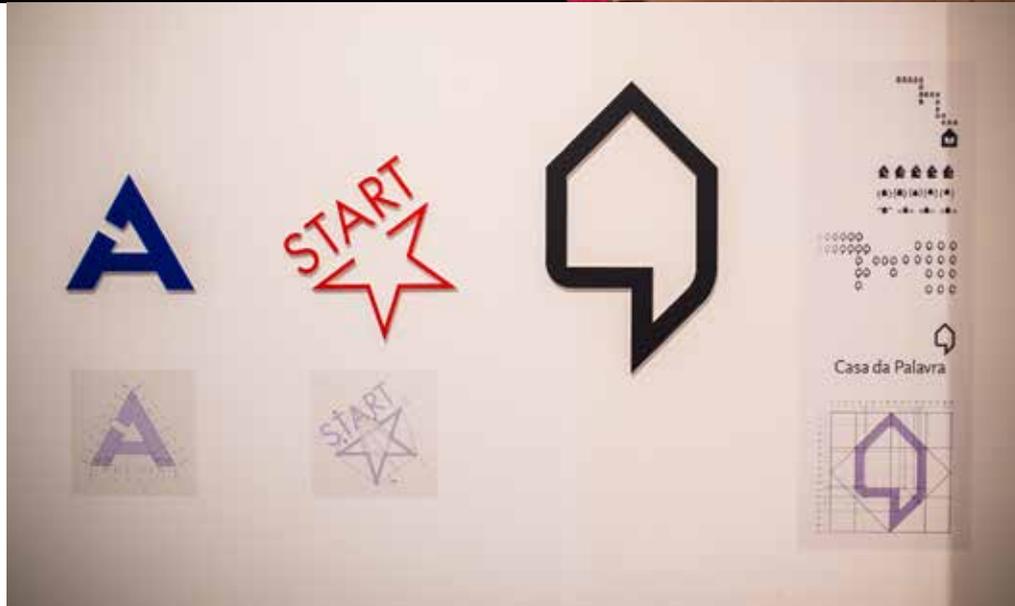








Meu problema agudo
É querer ser uma coisa só.
Tudo







CRÉDITOS



p. 16
LINA BO BARDI ARQUITETO
design Sônia Barreto e André Stolarski
assistência de design Felipe Kaizer
Museu de Arte de São Paulo, 2005



p. 18
VOLPI: DIMENSÕES DA COR
direção de design André Stolarski
design André Lima e Rafael Alves
Instituto Moreira Salles, 2009



p. 20
**CONCRETA'56:
A RAIZ DA FORMA**
direção e curadoria de design
André Stolarski **design** André Stolarski e André Lima
Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2006



p. 26-29
**MENAS: O CERTO DO ERRADO,
O ERRADO DO CERTO**
concepção André Stolarski
design Clara Meliande, Alessandro Souza e Juliana Yue
Poesis, 2010



p. 30
FRANS KRAJCBERG: NATURA
direção de design
André Stolarski **design** Clara Meliande e Renata Negrelly
Expomus, 2008



p. 31
ELEVADOS
design André Stolarski
Ana Holck, 2005



p. 32
LINA BO BARDI ARQUITETO
design Sônia Barreto e André Stolarski
assistência de design Felipe Kaizer
Museu de Arte de São Paulo, 2005



p. 34
**CONTRADITÓRIO: PANORAMA
DA ARTE BRASILEIRA 2007**
direção de design André Stolarski
design André Stolarski, Gustavo Prado e Miguel Nóbrega
Alcalá 31, 2007



p. 40
**ART BREAKS: MTV E A CULTURA
VISUAL CONTEMPORÂNEA**
curadoria André Stolarski
design André Stolarski,
Theo Carvalho e Fernando Rocha
Tecnopop, 2008



p. 42
PENSAR COM TIPOS
Ellen Lupton
tradução André Stolarski
Cosac Naify, 2006

**ALEXANDRE WOLLNER E
A FORMAÇÃO DO DESIGN
MODERNO NO BRASIL**
coordenação e concepção André Stolarski **produção** Tecnopop
Cosac Naify, 2005

STOLARSKAIS
André Stolarski
prefácio Noemi Jaffe
Cosac Naify, 2013

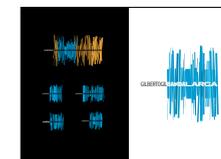
**ABC DA BAUHAUS: A BAUHAUS
E A TEORIA DO DESIGN**
Alan Wolf, Ellen Lupton, J. Abbott Miller, Julia Lupton, Kenneth Reinhard, Mike Mills, Tori Eggherman
tradução André Stolarski
Cosac Naify, 2009

O DESIGN DE BEA FEITLER
André Stolarski
organização e textos Bruno Feitler
Cosac Naify, 2012

**ELEMENTOS DO ESTILO
TIPOGRÁFICO 3.0**
Robert Bringhurst **tradução,**
prefácio, gravuras e glossário
André Stolarski
Cosac Naify, 2005

LOGOTIPO VERSUS LOGOMARCA: A LUTA DO SÉCULO

André Stolarski, Bruno Porto, Guilherme Sebastiany, Luis Marcelo Mendes, Newton Cesar, Renato Faccini
2AB Editora, 2012



p. 44
ALEXANDRE WOLLNER E A FORMAÇÃO DO DESIGN MODERNO NO BRASIL
coordenação e concepção André Stolarski **produção** Tecnopop
Cosac Naify, 2005

p. 50
STOLARSKAIS (INSTAGRAM E LIVRO)
André Stolarski
prefácio Noemi Jaffe
Cosac Naify, 2013

p. 60
MUSEU DO MEIO AMBIENTE
direção de design André Stolarski
design André Lima, Marcelo Pereira e Alessandro Souza
Museu do Meio Ambiente, 2011

p. 65
MOINHO DAS ARTES
design André Stolarski
Moinho das Artes, 1997

p. 76
TURNÊ BANDA LARGA
design André Stolarski
Gege Produções Artísticas, 2007



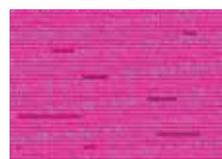
p. 46
ELEMENTOS DO ESTILO TIPOGRÁFICO 3.0
Robert Bringhurst **tradução, prefácio, gravuras e glossário** André Stolarski
Cosac Naify, 2005

p. 56
AGORA
design André Stolarski
Agência de Organismos Artísticos, 1999

p. 62
LURIXS
design André Stolarski
assistente de design Luise Krause
Luiza Mello e Ricardo Rego, 2003

p. 70
MAM
design André Stolarski, Carla Marins, Bernardo Lopes, Mariana Mansur e Carolina Mello e Souza
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1998

p. 78
BEAT98
direção de design André Stolarski
design Theo Carvalho
Sistema Globo da Rádio, 2008



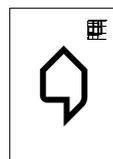
p. 48
DESIGN E ARTE: CAMPO MINADO
André Stolarski
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 2012

p. 58
ORQUESTRA IMPERIAL
design André Stolarski
Diversão e Arte, 2008

p. 63
RIOSUL
direção de design André Stolarski
design André Lima, Theo Carvalho e Fernando Rocha
Shopping Riosul, 2009

p. 72
29° BIENAL
direção de design André Stolarski
design Ana Elisa de Carvalho Price, Fernando Petrich, João Parenti, Felipe Kaizer, Roman Iar Atamanczuk
Fundação Bienal de São Paulo, 2010

p. 80
RÁDIO GLOBO
direção de design André Stolarski
design André Stolarski, Fernando Morgado e Theo Carvalho
Sistema Globo da Rádio, 2009



p. 59
CASA DA PALAVRA
direção de design André Stolarski
design André Stolarski, André Lima, Miguel Nóbrega e Rafael Alves
Casa da Palavra, 2007

p. 64
START
design André Stolarski
Start, 2008

p. 74
30° BIENAL
direção de design André Stolarski
design Ana Elisa de Carvalho Price, André Noboru Siraíama, Douglas Higa, Felipe Kaizer, Roman Iar Atamanczuk
Fundação Bienal de São Paulo, 2012

Direitos reservados.
Todos os esforços foram envidados para identificar os detentores de direitos autorais e de imagem. Se, não obstante, forem constatadas falhas de identificação, a editora se compromete a retificar esta obra na versão digital e nas tiragens subsequentes da versão impressa.

AGRADECIMENTOS

Adélia Borges
Agnaldo Farias
Alejandro Tapia
Alexandre Wollner
Ana Helena Curti
Ana Paula de Paoli
Ana Paula Pontes
André Lima
Amália Giacomini
Billy Bacon
Carla Marins
Cecilia Consolo
Chico Homem de Melo
Christophe Buffet
Cosac Naify
Elaine Ramos
ESDI/UERJ
Eva Kaufman
Evelyn Grumach
Felipe Kaizer
Fátima Cabral
Fernando Morgado
Fundação Bienal de São Paulo
Henrique Nardi
João de Souza Leite
Luciano Tardin
Matthieu Rougé
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Patrícia Nóbrega
Paula de Oliveira Camargo
Raul Mourão
Renato Abramovicius
Rico Lins
Roberto Fix Ventura
Rodolfo Capeto
Rodrigo Machado
Ronaldo Porto
Sidnei Balbino
Sonia Barreto
Studio X
Vasco Caldeira
Washington Fajardo

e todas as empresas e instituições culturais cujos projetos foram retratados nessa exposição.

Agradecimentos muito especiais a Flavia Grimm e Marion Stolarski por todo apoio e confiança no projeto.

**Agradecemos aos apoiadores
que ajudaram a tornar esta
publicação possível.**

Adélia Borges
Adriana Campos
Adriane Gazzola
Adriane Tscheppen
Airton Jordani
Alecio Rossi
Alejandro Tapia
Alex Gyurkovicz
Alexandre Sivolella
Alexandre Alves
Alexandre Fontes
Allyson Veras
Amanda Dafoe
Ana Rolo
Ana Pessoa
Ana Beatriz Pereira de Andrade
Ana Paula Pontes
Andre Siggia
André de Oliveira Santoro
André Lima
André Noboru Siraiama
Andréa Acker
Angelo Allevato Bottino
Anna Janot
Batman Zavareze
Bebel Abreu
Bernardo Lopes
Billy Bacon
Bruno Feitler
Bruno Sakamoto
Bruno Porto
Caio D'Andréa
Caio Miranda Carvalho
Carla Branco
Carlos Bêla
Carol Hoffmann
Carolina Bordallo
Cecília Consolo
Cecília Pessôa
Cesar Habert Paciornik
Chris Lima
Christian Boudier
Clara Meliande
Crystian Cruz
Damião Santana
Dani Gutfreund
Dania Santos Lima
Daniel Justi
Daniel Moura
Dario Joffily
Darwin Mota

Dejota Castro
Delano Rodrigues
Denise Dekermacher
Djalma Caselato
Domingos Pontes
Eder Pimenta
Edileno Santana Capistrano Filho
Eduarda Azevedo
Eduardo Massá
Eduardo de Azevedo Rocha
Eduilson Coan
Elaine Coimbra
Elmo Rosa
Eneida Santos Correia Lima
Evelyn Grumach
Fabiano Rocha
Fabio Silveira
Fabio Lopez
Fábio Pimenta
Fábio Prata
Fabiola Moulin Mendonça
Fabricio Marangon
Felipe Honda
Felipe Vaz
Fernanda Martins
Fernanda Groetaers
Fernando Morgado
Fernando Angulo
Fernando Rocha
Filippe Vasconcellos de Freitas Guimarães
Flávia Nalon
Flávio Oliveira
Flavio Henrique Chin Chan
Francine Sakata
Franklin Espath Pedroso
Freddy Van Camp
Gabriel Ortega Misch
Gabriel Patrocínio
Gabriela Luchetta
Gisela Abad
Graça Lima
Guilherme Viegas
Guilherme Sebastiany
Guilherme Vieira
Gustavo Piqueira
Guto Lins
Hannah Uesugi
Helen Pereira
Henrique Nardi
Henrique Leme
Hugo Araujo
Hugo Rocha
Isabel Lippi Oliveira
Isabela Taylor
Isabella Perrotta
Isabelle Lavigne
Italo Mikoko

Ivan Mizanzuk
Joana Tuttoilmondo
João de Souza Leite
João Guilherme Santos
Jorane Castro
Jorge Godoy de Oliveira
Julia Gostkorzewicz
Júlia Frate Bolliger
Juliana Teixeira Lima
Juliana Silveira
Juliana Yue
Julieta Sobral
Jussara Fino
Larissa Arantes
Laura Escorel
Leo Eyer
Leonardo Malheiro Teixeira
Lidia Kosovski
Liliana Magalhães
Luana Luna
Lucas Amarante
Luciana Guizan
Luciana Gobbo
Lucy Niemeyer
Lucyano Palheta
Luisa Primo
Luiz Franca
Luiz Antonio Misse Mota
Luiza Kramer
Luiza Peixoto
Luke Bosshard
Luyza Pereira
Lygia Caselato
Lygia Santiago
Manuel Thedim
Marcello Halfeld
Marcelo Pliger
Marcelo F. Rocha
Marcos Corrêa
Marcos Minini
Maria Camargo
Mariana Leal
Mariano Werneck
Marília Campos Oliveira e Telles
Marina Chaccur
Marise Machado
Marlon Fernandes
Martha Ribas
Matheus Graciano
Meyrele Torres Nascimento
Mila Santoro
Modo Design
Naieni Ferraz
Nicolas Camargo
Nina Gaul
Pablo Ugá
Patricia Fendt

Paula Mello
Paula de Oliveira Camargo
Paulo Portella Filho
Paulo Granato Araújo
Pedro Botton
Pedro Herzog
Pedro Gonzalez
Philippe Ravaglia
Priscila Farias
Rachel Lima
Rafael Peixoto Ferreira
Rafael Cardoso
Rafael Neder
Rafael Didoné
Raíza Bruscky
Ramon Teixeira do Carmo
Raul Mourão
Raul de Lamare
Reinaldo Lee
Rena Lanari
Renata Gamelo
Renato Mesquita
Renato Faccini
Renato Costa
Renato Cardilli
Ricardo Werneck
Ricardo Pitanga
Ricardo Esteves
Ricardo Monserratt
Ricardo Leite
Rico Lins
Rita Faria
Roberto Somlo
Robson Fogaça de Oliveira
Rodolfo França
Rodrigo Pimenta
Rodrigo Machado
Rubens Fernando Maciel Alencar
Samira Bolonha Gomes
Saulo Macedo
Tatiana Tabak
Tatiana Frambach
Tatiana Vieira
Tereza Bettinardi
Thaís Barbosa
Thiago Lacaz
Thiago Lopes
Thiago Mano
Tiago Almeida Fiamenghi
Tiago Rodrigues
Tiago Menezes
Valdir Moura
Vanessa Rodrigues
Victor Bergmann
Vitor Pereira
Washington Fajardo
William Kimura

patrocínio

efix

apoadores



COSACNAIFY

D I N A M O

duplaDESIGN

gad[®]



TASTE

© 2014, Espólio de André Stolarski
© 2014, organização, Bruno Porto e Luis Marcelo Mendes
© 2014, desta edição, Ímã Editorial

Porto, Bruno e Mendes, Luis Marcelo (org.)

André Stolarski : Fale mais sobre isso

Rio de Janeiro : Ímã Editorial | Livros de Criação, 2005

96 p., ilust.

Cronologia

ISBN 98-85-64528-61-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Stolarski, André (1970-2013). 2. Design — Brasil 3. Designers — Brasil.
I Porto, Bruno. II Mendes, Luis Marcelo Mendes. III Título

CDD 741.6092

Este livro foi composto em Linotype Univers, projetada por Adrian Frutiger e Akira Kobayashi em 2003. O papel utilizado na capa é cartão Supremo 350g/m² e, no miolo, Alta Alvura 150g/m². A impressão e acabamento foram realizados pela Sol Gráfica em outubro de 2014.



Ímã Editorial | Livros de Criação
www.imaeditorial.com

Quando as pessoas se referem a André Stolarski, usam o termo “gênio”, ou “brilhante”, ou os dois. Mas isso é muito pouco, uma saída fácil dado o contexto onde, de fato e como ele próprio dizia, é complicado atingir uma síntese sobre aquilo que se fala.

O projeto *André Stolarski: Fale mais sobre isso* não surge como uma tentativa de síntese sobre a estrutura de pensamento do arquiteto e designer paulista, nascido em 1970, ou mesmo se propõe a resolver a equação da meteórica trajetória profissional encerrada prematuramente em agosto de 2013.

Optamos por investigar quatro facetas constantes, e muitas vezes interligadas, que permearam as duas décadas de produção no campo do design gráfico; como professor; como tradutor de livros de design da editora Cosac Naify; por meio de cursos e palestras por todo o Brasil; na liderança da Associação dos Designers Gráficos, e na linha de frente da produção de textos sobre design, branding ou cultura, que garantiu uma posição de destaque do seu DNA no fundo genético do design moderno no Brasil.

Na exposição e neste catálogo procuramos deixar que os próprios trabalhos que designam artes, investigam a cultura, sintetizam identidades e pensam sistemas falem do principal predicado de Stolarski: o raciocínio — brilhante, inovador, sofisticado, fora da curva — por trás do projeto, sobre qualquer suporte. Com isso, oferecemos o pulo do gato para que você também “fale mais sobre isso”.

realização

Tecnopop

patrocínio

